

## GÉNERO E MILITÂNCIA ASSOCIATIVA

### Carreiras militantes, divisão sexual do trabalho militante e imagem pública sexuada numa associação feminista francesa

Sophie Retif

Université de Rennes 1/Universidade de Coimbra

**Resumo** Apresentamos, neste artigo, os primeiros resultados duma investigação sobre militantes de associações francesas e portuguesas, a partir dum estudo sobre a associação feminista francesa «Femmes et Hommes Contre le Sexisme» – FHCS. Procuramos mostrar que a utilização do conceito de «carreira» permite analisar a dimensão sexuada da militância e, em particular, as clivagens existentes entre as trajetórias militantes das mulheres e dos homens. Tratamos a questão da divisão sexual do «trabalho militante» no seio de associações feministas. Propomos também uma análise sexuada da imagem pública da organização militante analisada.

**Palavras-chave** militância, associações, género, feminismo.

Neste artigo, apresentamos os primeiros resultados duma investigação sobre a militância associativa em Portugal e em França, investigação integrada no campo dos Estudos de Género e destinada à elaboração de uma dissertação de doutoramento. Queremos compreender de que maneira as identidades de género e as relações sociais entre os sexos podem estruturar, em parte, a militância, e como, reciprocamente, esta pode influir naquelas relações sociais.

Na nossa perspectiva de investigação, fazer uma sociologia do género é tentar compreender o modo como as identidades sexuais são definidas, simbólica e materialmente, para produzir uma ordem social. Tratamos, assim, de um fenómeno que se inscreve profundamente no mundo social, e não na natureza. Esta definição pode ter um alcance muito lato, já que determina alguns dos fundamentos mais essenciais das nossas sociedades. Não obstante, pensamos que as relações sociais de sexo, entendidas como a expressão concreta dessa definição, não podem ser inteiramente compreendidas se não forem pensadas no conjunto das relações sociais, em geral. Numerosos estudos sociológicos (Bourdieu, 1979; Schwartz, 1990) já demonstraram que estas se exprimem de maneira diferente segundo os meios sociais (aliás podemos considerá-las como um elemento essencial para a caracterização de um meio social). Recusamos, assim, uma visão das relações sociais de sexo que as apresenta como um dado sociologicamente não dinâmico, e preferimos considerá-las como o produto de estruturas e de interações. Essa dimensão interactiva aparece-nos como absolutamente fundamental, pois que permite compreender a complexidade e a dinâmica das relações sociais, estabelecidas em relação com o dado biológico de sexo.

O que queremos analisar são as interações que ocorrem no âmbito dessa actividade «social, individual e dinâmica» (Fillieule, 2001) que é a militância. Decidimos estudar várias associações cujo objectivos são explicitamente reivindicados como políticos, e comparar dois países europeus, França e Portugal, para salientar o peso dos dados históricos e nacionais na estruturação da militância associativa e na determinação do papel que homens e mulheres ocupam neste campo.

Não vamos explorar, neste artigo, o facto das mulheres, tanto em França como em Portugal, estarem excluídas do campo político, nem as hipóteses que foram formuladas para tentar explicar esta exclusão. Interessa-nos, mais especificamente, um facto: em França, o mundo associativo, diferentemente do mundo sindical e partidário, está investido em igual proporção por mulheres e homens. Sabe-se que 42% das mulheres e 43% dos homens são membros duma associação (Barthélémy cit. in Guionnet e Neveu, 2004).

Poderia ser tentadora a explicação segundo a qual a importância da representação das mulheres seria consequência de algumas especificidades do mundo associativo: mundo menos «duro», no qual não há tantas lutas pelo poder, associado a valores de altruísmo e de abnegação. As mulheres prefeririam então o campo associativo, mais consensual e altruísta, aos campos partidário e sindical, tidos como mais conflituais e caracterizados pela ambição pessoal. Serão estas características suficientes para explicar a importância do compromisso das mulheres nas associações? Mais parece que este compromisso seria o resultado de um processo de imposição ou incitação histórica.

Num estudo sobre 50 anos da militância das mulheres numa cidade industrial do oeste de França, Dominique Loiseau revelou como o Partido Comunista Francês promoveu o compromisso das mulheres numa estrutura associativa, a *Union des Femmes Françaises* (Loiseau, 1996). Esta associação, que representava um espaço de compromisso muito menos valorizado que o partido, permitia uma forma «intermédia» de militância, adequada, segundo a direcção do Partido, à situação da jovem ou da mulher casada com filhos. Da mesma maneira, a militância católica das mulheres francesas, durante o século XX, foi maioritariamente desempenhada no quadro associativo.

A situação política portuguesa foi muito diferente ao longo do século XX, mas apresenta também algumas características bastante semelhantes. A longa experiência autoritária do Estado Novo (1926-1974) marcou profundamente as estruturas sociais do país. O regime salazarista promoveu a participação das mulheres na vida pública no quadro muito fixo e limitado das organizações femininas, segundo uma visão conforme à natureza corporativista do regime e à sua definição do papel da mulher na sociedade (Pimentel, 2001). Ainda não se pode falar de um compromisso feminino específico no quadro associativo, já que os partidos políticos e os sindicatos de assalariados estavam proibidos. Mas, experiências da Primeira República testemunham a presença importante de mulheres na sociedade civil, em organizações com a forma de Conselhos, como por exemplo o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (Cova e Pinto, 1997).

Tendo sido estabelecida a igualdade de direitos entre homens e mulheres, no período pós-25 de Abril, ao nível das instâncias políticas, a reflexão sobre o papel das mulheres na sociedade portuguesa só está parcialmente iniciada. O acesso das mulheres ao campo político é ainda hoje um processo incompleto. Paralelamente a esta inserção difícil, é notável que um número importante de mulheres se comprometa no campo associativo (Tavares, 2000). Assim, a incitação para as mulheres investirem no campo associativo parece prevalecer sobre a sua vontade de investir neste campo em particular. Esta incitação, verificada ao longo da história, parece constituir uma explicação importante para o compromisso maciço das mulheres nas associações.

Tendo estudado a militância em três tipos de associações políticas: associações feministas, associações de defesa dos direitos humanos e associações familiares, neste artigo apresentam-se apenas os primeiros resultados da investigação que dizem respeito a uma associação feminista francesa, Femmes et Hommes Contre le Sexisme (FHCS)<sup>1</sup>.

Criada em 1997, por uma mulher e um homem, jovens e parisienses, esta associação reivindica várias características: afirma-se feminista, anti-sexista, mista, internacionalista, política e solidária com o «movimento social» no seu conjunto. A FHCS reivindica a sua filiação com os movimentos feministas dos anos 70, afirmando, além disso, a sua rejeição das posições feministas essencialistas. Podemos também salientar que a associação declara lutar contra o sistema patriarcal tal como foi definido por Christine Delphy, sendo esta referência muito explícita na definição dos objectivos da organização. A FHCS é, de facto, um conjunto de várias associações locais independentes juridicamente. A FHCS Paris, como associação fundadora, detém os direitos sobre o nome «FHCS», e dá a aprovação a associações fundadas em outras cidades que cumprem os critérios definidos numa «Charte Inter-FHCS». A FHCS existe assim também em grandes cidades francesas, como: Toulouse, Rennes, Nantes, Lille e Orléans.

Estas associações, sendo entidades jurídicas distintas, encontram-se regularmente e trocam informações sobre as suas actividades. Não obstante, as acções colectivas são pouco frequentes, cada associação actua maioritariamente ao nível local. Se existe um verdadeiro consenso sobre a orientação política da FHCS no seu conjunto, surgem por vezes algumas dissensões, em particular sob a forma de ressentimentos expressos pelas FHCS mais novas contra a FHCS Paris<sup>2</sup>. Os membros da FHCS têm, na sua maioria, menos de 35 anos e são estudantes e/ou jovens activos. Há alguns membros mais velhos que são, segundo pudemos

<sup>1</sup> Esta denominação é um pseudónimo criado pela autora para garantir o anonimato da associação.

<sup>2</sup> Algumas tensões aparecem por exemplo a propósito das subvenções, que são bastante raras. As associações políticas têm muitas dificuldades para obter um apoio financeiro dos poderes públicos, e uma associação como FHCS Rennes funciona com um orçamento completamente insignificante. O grupo de Paris consegue obter um pouco mais de subvenções, em particular graças aos poderes públicos locais, e não considera legítimo partilhar essas subvenções com as outras FHCS.

observar, exclusivamente mulheres. Entre os jovens encontram-se homens e mulheres, mas os homens são claramente minoritários. Consta-se a existência de uma proporção importante de homens homossexuais entre os militantes do FHCS. Por fim, devemos salientar que os membros da associação não são muito numerosos: se a FHCS Paris e a FHCS Rennes ainda logram recrutar novos associados e criar uma verdadeira dinâmica militante, a situação é muito mais difícil nas outras cidades. A presidente da FHCS Orléans prevê, assim, a mais ou menos curto prazo, a morte da associação por falta de militantes.

### **A pertinência do conceito de «carreiras militantes» para compreender a importância da dimensão de género na militância**

Os elementos teóricos que desenvolvemos neste artigo integram-se numa investigação que ainda não está terminada, pelo que não podemos tirar conclusões definitivas. Apresentamos um programa de investigação e um quadro teórico, bem como hipóteses inferidas das nossas primeiras observações. Queremos salientar a dimensão de género existente na militância, a partir do que as ciências sociais já conhecem sobre o fenómeno militante: formas da socialização política, importância dos diferentes tipos de retribuições da militância, sociabilidades militantes, modo de reconversão das perícias militantes na esfera profissional... Pensamos que todas estas dimensões podem ser apreendidas usando o conceito de «carreira».

Ao longo dos anos 1990, no seio da sociologia francesa, alguns autores recorreram ao conceito de «carreira» para apreender a militância na sua dimensão processual. Este conceito, procedente da tradição sociológica da Universidade de Chicago, faz sobressair a dinâmica das trajectórias individuais e a importância das escolhas e da subjectividade dos indivíduos.

Aplicado ao compromisso político, o conceito de carreira permite compreender como, em cada etapa da biografia, as atitudes e os comportamentos são determinados pelas atitudes e os comportamentos passados, e condicionam por seu turno o campo dos futuros, restituindo assim os períodos de militância no conjunto do ciclo de vida. (Fillieule, 2001: 201).

Para além da análise das características sociológicas «objectivas» que podem, em parte, determinar o compromisso político (origem social, socialização familiar...), a ideia de «carreira militante» permite compreender como a militância se inscreve numa trajectória individual e assim na temporalidade. Nesta perspectiva, é fundamental analisar a maneira como uma «carreira militante» se combina, na vida de um indivíduo, com outras «carreiras», em particular as «carreiras» profissionais e conjugais. Relativamente a este aspecto, procuramos saber em que circunstâncias, e por quê, uma pessoa liberta tempo dos seus compromissos profissionais ou pessoais para se consagrar a uma actividade militante.

Algumas investigações já salientaram a importância das situações conjugais na evolução do compromisso dos indivíduos, para além disso, mostraram que esta correlação varia segundo o género (Dunezat, 2004; Avanza, 2004). O conceito de «carreira» é então particularmente pertinente no quadro duma análise que dá um papel central à variável de género. São bem conhecidas, por exemplo, as diferenças existentes entre as trajectórias profissionais e conjugais dos homens e das mulheres. São múltiplos os exemplos: possibilidade de inserção no mercado do emprego, peso do trabalho doméstico, consequências dum divórcio em termos do cuidado com as crianças... Pode-se, além disso, sem nos arriscarmos a uma generalização excessiva, afirmar que as clivagens centrais aparecem em torno do género sobre questões como o emprego, a sociabilidade e a vida conjugal.

A utilização do conceito de «carreira» permite, então, compreender como estas clivagens de género têm influência sobre as formas do compromisso político. São em particular as lógicas de «entrada» e de «saída» da militância que nos interessam nesta investigação. Motivos para o compromisso, significações construídas pelos actores, intensidade variável da actividade militante, são numerosas dimensões que só podem ser compreendidas na totalidade de uma trajectória, sendo esta, necessariamente, sexuada. Nesta perspectiva, as trajectórias militantes no seio da FHCS apresentam algumas características, que passamos a referir.

Na maior parte dos casos, as associadas de cada associação militam só nessa organização. No caso das mulheres mais novas, trata-se frequentemente do primeiro compromisso político. Consta-se uma clivagem importante entre as mulheres em função da idade: as mulheres mais velhas são ou foram associadas de sindicatos ou de partidos políticos, enquanto as mulheres mais novas não militam neste tipo de organizações. Os homens, pelo contrário, são maioritariamente associados de outras organizações políticas: associações, partidos políticos e sindicatos. Isto parece ter como consequência que a FHCS se constitui como um compromisso prioritário para as mulheres, enquanto que para os homens é mais um tipo de compromisso que vem completar outro compromisso político mais «geral» (ou seja que não trata de questões específicas como as de género). Temos que enfatizar aqui que só encontramos na investigação homens com menos de 35 anos. Um ponto, em particular, é interessante para a análise: a maioria das mulheres associadas de outras organizações políticas são mulheres homossexuais que militam, lutando, também, contra a homofobia e para a defesa dos direitos das pessoas homossexuais.

Existem, assim, diferenças notórias entre as «carreiras militantes» das mulheres e dos homens. No caso do grupo de militantes com menos de 35 anos, as mulheres privilegiam uma forma «limitada» de compromisso político, ou seja, um compromisso que se desempenha essencialmente numa só estrutura. Esta forma de compromisso implica um investimento limitado em termos de tempo, mais compatível com as necessidades profissionais ou universitárias. Os homens têm, pelo contrário, uma multiplicidade de actividades militantes, o que tem

como consequência uma repercussão no tempo que deveriam consagrar aos estudos ou à actividade profissional.

Eles exprimem, mais frequentemente, a necessidade de retirar-se da militância, por algum tempo, quando precisam urgentemente de tempo disponível, por exemplo, para procurar um emprego ou elaborar um trabalho de final de curso. Assim, parece que para os homens a «carreira» militante entra mais em conflito com as outras dimensões da vida pessoal.

### Ser militante feminista: um estigma?

A Sociologia de Chicago, e em particular os trabalhos de Erving Goffman, fornecem outro conceito que permite apreender uma dimensão fundamental da militância, no seio duma organização feminista. O conceito de «estigma», definido relativamente como uma não-normalidade social, parece aplicar-se com pertinência à militância feminista, no sentido em que esta ultrapassa o quadro de um compromisso público, para marcar profundamente a identidade dos militantes, até mesmo nas suas dimensões mais íntimas. «A palavra estigma servirá então para designar um atributo que tem como consequência um descrédito profundo, mas na realidade, há que falar em termos de relações e não em termos de atributos» (Goffman, 1993: 13)<sup>3</sup>.

A partir de um estudo sobre movimentos australianos, Cheryl Hercus mostrou como o militantismo feminista é susceptível de ser alvo de reprovação social importante e, por isso mesmo, tornar-se omnipresente na identidade social dos/das militantes (Hercus, 1999). É bem evidente que outros tipos de compromisso podem implicar processos semelhantes. Um indivíduo poder ser, por exemplo, o «vermelho», o «comunista» da família, e ser sempre suspeito de querer fazer proselitismo. Não obstante, parece que o compromisso feminista é particularmente confrontado com a suspeita e o descrédito, e que para a «identidade feminista» se torna muito pesado, invadindo toda a vida do/da militante. O homem ou a mulher que se apresenta como feminista no espaço profissional ou nos círculos de amigos arrisca ver-se totalmente identificado/a com esta característica. As dificuldades com que os/as militantes são confrontados/as no quotidiano, por causa desta estigmatização social, são claramente expostas e discutidas no seio das reuniões associativas. Houve, por exemplo, um debate dedicado à questão «As dificuldades de ser feminista hoje» numa reunião nacional da FHCS.

Neste debate, os/as militantes disseram sentir uma certa obstinação injuriosa na forma como os seus amigos ou colegas faziam sempre piadas sobre as suas convicções feministas. As provocações verbais, como «Cuidado, esta atitude sexista vai enervar X», «Tu vês sexismo em cada coisa», são largamente lembradas,

3 Tradução para português pela autora, a partir do original em francês.

e os/as militantes evocam também o sentimento que, às vezes, têm de serem convidados para um jantar ou uma festa só para actuarem como «o feminista do grupo» e para serem vítimas de troça (este sentimento é também evocado na investigação de Cheryl Hercus). Vê-se bem, com estes exemplos, que o «custo de entrada» na militância feminista é elevado: o compromisso motivado por convicções é transformado pelos demais num papel que tem que ser desempenhado em cada momento da vida social. Estas diferentes formas de reprovação social constroem os/as militantes a elaborar estratégias de defesa que partilham entre si. «quando um me provoca com palavras sexistas, faço sempre uma comparação com o racismo: troco a palavra “mulher” com a palavra “negro”, e já não sou acusada de sectarismo ou de histeria». As reuniões são, assim, momentos chave para falar e partilhar esta experiência de estigmatização, e também para tratar de a desdramatizar. Por certo, existe em cada forma de compromisso público uma estigmatização relativa, e os militantes aguentam-na graças à certeza de agir de maneira justa. Não obstante, esta certeza que justifica a acção, reactivada e reafirmada nos momentos colectivos da militância, parece ser, às vezes, no caso do feminismo, bastante frágil face à estigmatização.

Um das jovens militantes da FHCS explica que o seu compromisso feminista deriva, em grande parte, da maneira como funciona o casal dos pais, largamente definido por uma divisão sexual dos papéis e das funções. Neste caso, trata-se de famílias pertencentes a meios sociais com capital cultural elevado. O compromisso delas não é tomado a sério pela família. Os pais e irmãos fazem piadas a propósito disso, que diminuem a pertinência, o valor e o sentido da actividade militante. Poderíamos considerar que esta atitude é uma estratégia defensiva contra a negação dos valores familiares contidos na militância feminista, mas mais parece que isso testemunha uma percepção particular da militância das mulheres jovens e da militância associativa. Esta militância é vista como pouco ameaçadora, pouco credível e, às vezes, considerada mais como um hobby do que como uma verdadeira forma de intervenção no espaço público. Esta visão, no círculo familiar, que atribui falta de credibilidade e de eficácia ao compromisso associativo, reforça assim a estigmatização com que são confrontados/as os/as militantes nos círculos profissionais e de amigos.

Nesta perspectiva, o conceito de «carreira» ajuda a compreender a importância de um momento decisivo de escolha nas trajectórias militantes. O compromisso feminista é uma escolha importante que tem implicações mais amplas que a simples participação em actividades militantes. Neste sentido, podemos até falar de «entrada no feminismo» que constitui uma etapa de mudança identitária, pelo menos na identidade social, se não na identidade para si próprio (Goffman, 1993). À identidade para si próprio pertencem a consciência da existência de desigualdades, e os sentimentos de rejeição que estas desigualdades provocam. Quando o indivíduo faz a escolha de materializar estes sentimentos num compromisso público, esta decisão dá uma nova inflexão à trajectória individual: a sua identidade pública é então marcada pela «etiqueta» feminista. Esta tem

várias implicações na vida quotidiana. Alguns militantes falam das dificuldades que tiveram quando fizeram tal escolha, pelo medo das consequências que a «rotulação feminista» ia ter na sua vida. Poderíamos pensar que o estigma é menos pesado para as mulheres e para os homens pertencentes aos meios sociais com maior capital cultural, nos quais se pode observar uma forma de neutralização das manifestações de sexismo (Bourdieu, 1979). Não obstante, segundo o que observámos nas FHCS, não parece que o facto de pertencer a um meio social com capital cultural elevado seja uma protecção suficiente contra a estigmatização: no quadro das nossas observações, o compromisso feminista é melhor percebido pelas famílias menos dotadas de capital cultural.

Pomos, pois, como hipótese que, no caso de famílias de meios sociais menos favorecidos, a militância feminista é desempenhada graças a algumas condições favoráveis como, por exemplo o apoio, tácito ou não, de uma mãe que contesta a hierarquia entre os sexos.

#### Associações feministas e divisão sexual do trabalho militante

A divisão sexual do trabalho social em geral, assim como, mais recentemente, as formas desta divisão sexual no âmbito do trabalho militante, foram largamente descritas pelas ciências sociais. Foram salientadas algumas regularidades determinantes: a oposição entre uma atitude de *attention getting* (masculina) e uma atitude de *attention giving* (feminina) (Parlee, 1989), fraca representação das mulheres nos lugares de poder nas organizações e também nalgumas tarefas militantes. A questão da divisão sexual do trabalho militante toma uma dimensão particular no caso das associações feministas mistas. Estas organizações desempenham, com efeito, uma reflexão sobre a divisão sexual do trabalho social em geral que deveria ter efeitos práticos no quotidiano do militanismo. Sem exagerar a hipótese segundo a qual o «natural» reapareceria mesmo quando os/as militantes tentavam desnaturalizá-lo e fazê-lo desaparecer, podemos pôr em questão a possibilidade efectiva de inexistência de divisão sexual do trabalho.

Constata-se, graças à investigação junto da FHCS, que as desigualdades relativas à repartição das tarefas entre homens e mulheres desaparecem. A distinção entre a atitude de *attention getting* e a de *attention giving* já não tem pertinência. É óbvio que as mulheres não estão ausentes dos lugares de poder na organização, já que isso constitui uma das raízes políticas da associação. A FHCS Paris, por exemplo, tem uma directiva escrita que diz que a presidente da associação será sempre uma mulher. Esta disposição não é obrigatória para obter o nome de «FHCS», e nem todas as associações das outras cidades a adoptaram. Em geral, a importância do trabalho militante das mulheres não é minorada, bem pelo contrário. Mas, pode observar-se um processo interessante: a divisão sexual do trabalho militante reaparece por entre o que podemos chamar as característi-

cas sociológicas objectivas. Uma delas corresponde ao que Xavier Dunezat (2004) define como o «capital militante»<sup>4</sup>. Com efeito, os homens comprometidos nesta associação são, muito mais frequentemente do que as mulheres, militantes de outras organizações políticas. Isso também corresponde à tendência observável em França, duma multipertença militante mais importante no caso dos homens do que no caso das mulheres. Graças à sua experiência no seio de partidos políticos ou sindicatos, estes homens têm assim um «capital militante» que as mulheres não têm, o que tem como consequência que estão encarregados das tarefas que correspondem directamente a esta experiência militante: alugar um autocarro para ir a uma manifestação nacional, organizar os pormenores práticos das manifestações, como encontrar um porta-voz... É interessante ver também que esta «especialização» dos homens nas tarefas organizacionais é acompanhada duma vontade de deixar às mulheres as tarefas percebidas como mais interessantes, e de valorizar a criatividade delas na militância. Assim, parece que a associação feminista, como espaço social que procura libertar-se das relações sociais existentes entre os sexos «no exterior», não pode fazer desaparecer totalmente a divisão sexual do trabalho, e isso apesar duma grande reflexividade nesta questão. A divisão sexual do trabalho, que aparece neste quadro, revela uma estruturação sexuada das carreiras militantes, o que nos permite insistir sobre a importância das interações entre identidades e práticas militantes.

#### Movimentos políticos e imagem pública sexuada

Se a dimensão sexuada é central no âmbito duma sociologia dos militantes, também tem um papel chave na compreensão das associações como colectivos, com as suas lógicas, estratégias e representações. Rachel L. Einwohner desenvolve nos seus trabalhos a ideia de que as organizações militantes «encenam» uma imagem pública delas próprias, destinada a vários actores exteriores, como governo, meios de comunicação ou público em geral. Esta imagem tem, na maioria dos casos, uma dimensão sexuada (Einwohner, 1999). A maneira como esta dimensão sexuada está encenada corresponde a interesses bem definidos. Analisando-a, podemos perceber alguns elementos determinantes para a compreensão das estratégias colectivas. A autora apresenta o exemplo das associações de defesa dos animais, que tentam libertar-se de uma imagem clássica que as representava como grupos de mulheres *middle-class*, favorecendo a visibilidade dos militantes masculinos.

A tese de Rachel L. Einwohner e os elementos teóricos que apresenta são bastante pertinentes no caso da FHCS. A combinação de sexos é um aspecto

4 Xavier Dunezat utiliza o conceito de capital de Pierre Bourdieu «para designar como capital militante tudo o que corresponde ao saber militante, à experiência militante, à socialização militante, ao sentimento de competência militante...» (Dunezat, 2004: 3).

importante do seu programa político, já que faz parte da sua definição da acção feminista. Mas de facto, as mulheres são largamente maioritárias na associação. Além disso, constata-se que uma parte dos eventos que imprimem o ritmo à vida militante são, na realidade, eventos não-mistos: reuniões não-mistas com as associadas de outras organizações, festas e jantares informais entre mulheres... A não-mixagem não é assim totalmente recusada. Mas estes eventos não-mistos nunca são mediatizados ou evocados nas reuniões com representantes do poder político, por exemplo. É, sem dúvida, a parte menos publicitada da acção da FHCS. Isso parece fazer parte de uma estratégia de comunicação: A FHCS é muitas vezes apresentada na imprensa francesa como o melhor exemplo dum feminismo «moderno», diferentemente das associações feministas não-mistas, que têm um discurso mais subversivo. Isso permite que a FHCS seja reconhecida pelos poderes públicos como um interlocutor respeitável sobre as questões de género e um parceiro de trabalho para acções políticas (8 de Março, programas de luta contra a violência conjugal). A «estrutura sexuada» da associação, ou pelo menos a imagem desta, constitui então um verdadeiro recurso simbólico.

### Conclusão

Como viemos a referir, a investigação apresentada neste artigo ainda não está terminada, sendo os resultados disponíveis, de momento, demasiado parciais para que seja possível tirar conclusões definitivas. Contudo, estes permitem ver como a análise da variável de género elucida várias dimensões da militância. Pensamos que a utilização do conceito de «carreira» restitui todo o alcance explicativo desta variável. Vários estudos de ciências sociais já mostraram que os militantes não podem mais ser analisados/as como indivíduos assexuados. Pelo contrário, a complexidade do fenómeno militante tem que ser reconstruída no seio de trajectórias individuais, trajectórias que são profundamente sexuadas.

### Referências Bibliográficas

- Avanza, Martina (2004), «Les "Femmes Padanes" – Militantes dans la Ligue du Nord (Italie), un parti qui "bande"», intervenção no encontro Genre et Militantisme, Universidade de Lausanne, 26 e 27 de Novembro.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction*, Paris, Minuit.
- Cova, Anne, Pinto, António Costa (1997), «O Salazarismo e as mulheres – uma abordagem comparativa», *Penélope*, n.º 17. *no das país, da antig.*
- Dunezat, Xavier (2004), «Trajectoires militantes de chômeurs et chômeuses mobilisées: la centralité des rapports sociaux de sexe», intervenção no encontro Genre et Militantisme, Universidade de Lausanne, 26 e 27 de Novembro.
- Einwohner, Rachel, (1999), «Gender, class, and social movement outcomes», *Gender and Society*, vol. 13, n.º 1.

- Fillieule, Olivier (2001), «Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel», *Revue Française de Science Politique*, vol. 51, n.º 1-2.
- Goffman, Erving (1993), *Stigmate, les usages sociaux des handicaps*, Paris, Minuit.
- Guionnet, Christine, Neveu, Erik (2004), *Féminins-masculins, sociologie du genre*, Paris, A. Colin.
- Hercus, Cheryl (1999), «Identity, emotion and feminist collective action», *Gender and Society*, vol. 13, n.º 1.
- Loiseau, Dominique (1996), *Femmes et militantismes*, Paris, L'Harmattan.
- Parlee, Mary Brown (1989), «Conversational politics», in *Feminist Frontiers II*, New York, Mac Graw-Hill.
- Pimentel, Irene Flunser (2001), *História das organizações femininas do Estado Novo*, Lisboa, Temas e Debates.
- Schwartz, Olivier (1990), *Le monde privé des ouvriers, hommes et femmes du Nord*, Paris, PUF.
- Tavares, Manuela (2000), *Movimentos de Mulheres em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

### Abstract

**Gender and associative activism. An analysis of activists' «careers», sexual division of «militant labour» and gendered public image in a French feminist association**

This paper presents the first results of a current investigation on association activists in France and in Portugal. It focuses on the analysis of a French feminist association known as Femmes et Hommes Contre le Sexisme (FHCS). It discusses the relevance of the concept of "career" to the analysis of the gendered dimension of activism, underlining the differences between men and women militant trajectories. It also points out the issue of the sexual division of "militant labour" within feminist organizations. Therefore, this paper proposes a gendered analysis of associations' public image.

**Key words** activism, associations, gender, feminism.

### Résumé

**Genre et militantisme associatif. Une analyse des carrières militantes, de la division sexuelle du travail militant et du processus de sexuation de l'image publique au sein d'une association féministe française**

Cet article présente les premiers résultats d'une recherche en cours sur les militants associatifs français et portugais. Il s'appuie plus précisément sur les résultats obtenus à partir de l'étude d'une association féministe française: Femmes et Hommes Contre le Sexisme (FHCS). Il cherche à montrer comment l'usage du concept de «carrière» permet d'analyser la dimension genrée du militantisme, en soulignant les clivages existants entre les trajectoires militantes des hommes et des femmes. Il pose également la question de la division sexuelle du «travail militant» au sein des associations féministes. Enfin, il propose une analyse genrée de l'image publique des associations.

**Mots-clés** militantisme, associations, genre, féminisme.

**Sophie Retif** está a desenvolver uma Tese de Doutoramento em Ciências Políticas, numa co-orientação entre a Universidade de Rennes 1 (França) e a Universidade de Coimbra. É membro do CRAPE (Centro de Investigação sobre a acção pública na Europa) e do CES (Centro de Estudos Sociais). Recebe uma bolsa de estudo «Lavoisier» do Ministério Francês dos Negócios Estrangeiros. As suas primeiras áreas de investigação foram a militância dos exilados políticos chilenos e a divisão sexual do trabalho nas instituições culturais.

*Artigo recebido em Janeiro de 2005 e aceite para publicação em Novembro de 2005.*